

ESCRITOS PARA UMA PEDAGOGIA ESPÍRITA, DO FILÓSOFO BRASILEIRO JOSÉ HERCULANO PIRES (1914-1979)

WRITINGS FOR A SPIRITIST PEDAGOGY, BY THE BRAZILIAN PHILOSOPHER JOSÉ HERCULANO PIRES (1914-1979)

Rogério Duarte Fernandes dos Passos

RESUMO

Resenha e considerações sobre a obra que compila escritos de pedagogia espírita do filósofo espírita José Herculano Pires (1914-1979), destinados, inclusive, a edificar um projeto pedagógico nessa área.

ABSTRACT

Review and considerations about the work that compiles writings on spiritist pedagogy by the spiritist philosopher José Herculano Pires (1914-1979), intended, including, to build a pedagogical project in this area.

Palavras-chave: José Herculano Pires. Pedagogia espírita. Filosofia da educação.

Keywords: *José Herculano Pires. Spiritist pedagogy. Philosophy education.*

SOBRE A DOCTRINA ESPÍRITA

Sobre a Doutrina Espírita, para este texto, convém resgatar resumidamente o seu conteúdo.

Codificada pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869) – que utilizou o pseudônimo Allan Kardec para diferenciar os trabalhos desta área em face daqueles que desenvolveu no campo estritamente pedagógico –, ela objetivou edificar uma nova ciência que, pelos desenvolvimentos advindos no aspecto moral, caminhou para desembocar em arcabouço de religião. Nesse processo, Kardec, na qualidade de sistematizador dos conhecimentos que codificou – fazendo questão de reiterar que os fenômenos observados eram contínuos e imemoriais na trajetória humana –, com importante empirismo, não deixou de se utilizar do trabalho de distintas médiuns – e estabelecendo um método que se apoiava em razão e concordância universal das comunicação de espíritos desencarnados –, redigiu as obras “O Livro dos Espíritos”, de 1857, “O Livro dos Médiuns”, de 1861, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de 1864, “O Céu e o Inferno, ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo”, de 1865, ao lado de suas “Obras Póstumas”, de 1890, expondo a existência de Deus, infinitamente bom, não vingativo, inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas, de seu filho e nosso irmão Jesus como modelo e melhor exemplo para a humanidade, além das comunicações entre encarnados e desencarnados enquanto meio de aprendizagem a ambos, ao lado da caridade como eixo epistemológico aliado a uma lei de causa e efeito que justifica a condição presente do ser.

Nesse esteio, há a possibilidade permanente de progresso do ser por meio de diferentes existências, de forma que ao lado da bênção do esquecimento temporário de vidas passadas, o espírito não regride, mantendo os adiantamentos morais em favor de uma melhor condição em que expie os erros e se redima das imperfeições e males outrora praticados. Ademais, Kardec defendeu que o Espiritismo não se

constituía em privilégio de seus adeptos, podendo o progresso e a felicidade serem alcançados em diferentes religiões, devendo todas elas, portanto, ser respeitadas.

Tendo chegado ao Brasil na segunda metade do Século XIX, a Doutrina Espírita alcançou popularidade no país.

SOBRE O AUTOR E A OBRA

Nesta obra "Pedagogia Espírita", de José Herculano Pires, publicada pela Editora Cultural Espírita (EDICEL), de São Paulo, edição de 2008, com 126 páginas, estão possivelmente compilados e organizados os mais importantes textos, projetos pedagógicos e teses apresentadas em congressos, além de outras reflexões do notável filósofo espírita brasileiro relacionadas não apenas ao tema da educação, mas, sobretudo, a um projeto de educação espírita.

Filósofo graduado pela Universidade de São Paulo, orador, historiador, pesquisador, cronista, palestrante, escritor, radialista, produtor cultural, jornalista e, também, educador e professor, José Herculano Pires nasceu em Avaré, Estado de São Paulo, no ano de 1914, e faleceu em São Paulo, Capital, em 1979, e a partir do momento em que travou contato com a Doutrina Espírita, a ela dedicou significativa parte de sua produção intelectual, alçando-se ao posto de principal filósofo espírita brasileiro.

Possuidor de grandiosa cultura pedagógica e filosófica, e, sendo defensor da pureza doutrinária do Espiritismo – evitando os sincretismos com outras crenças –, compreendia o trabalho de Allan Kardec coerentemente, sustentando a sua essência ontológica enquanto proposta e norte para os demais desenvolvimentos humanos e em uma sociedade que busca se refundar a partir da Terceira Revelação – a dos bons espíritos, concretizando, na visão espírita, "O Consolador" prometido no Evangelho (João 14:16-26) –, apta a concretizar os esforços e obra de Jesus Cristo em favor do adiantamento moral e espiritual de cada um de seus membros.

A partir de um marco estabelecido pelo educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), mestre de Allan Kardec, que supunha a educação como um ato de amor, e carreando influências dos aportes de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), especialmente na edificação de uma educação integral e contínua, Herculano Pires substancia um edifício educativo que intenciona alcançar o educando em todas as suas fases, em todo o complexo de sua personalidade e, no que é mais desafiador, considerando o indivíduo como uma realidade oriunda de diferentes encarnações, no bojo de um espírito imortal que reitera vivências e acumula experiências para novos aprendizados e aperfeiçoamentos rumo ao "Homem Novo".

Contudo, para além da transformação individual, José Herculano Pires alicerçou um verdadeiro projeto pedagógico em favor da ideia de fraternidade universal a alavancar o avanço social, no qual a educação seria um dos motores de superação do estágio de planeta de provas e expiações que vivemos rumo a um mundo de regeneração, no ínterim do único momento possível: o presente. Por certo, para José Herculano Pires, esse era o compromisso e a práxis do intelectual espírita.

José Herculano Pires, escorreito batalhador da pureza doutrinária, combatendo o bom combate diante de adulterações e mistificações na codificação kardeciana, não prescindiu das melhores lições da

pedagogia das décadas de 1960 e 1970 como forma de demonstrar que a obra de Jesus Cristo não poderia se fazer sem os esforços humanos, tanto nas searas material quanto intelectual. Nesse sentido e em guisa de ilustração, Herculano não prescinde das lições inspiradoras do mexicano Francisco Larroyo (1908-1981, conhecido também como "Francisco Arroyo"), que já no seu tratado clássico "História Geral da Pedagogia", superando velhos embates reavivados entre educação cristã e laica, já diagnosticava Jesus como possuidor dos atributos do educador perfeito, adequando seus ensinamentos aos ouvintes (especialmente por meios das parábolas) e tornando-os acessíveis aos discípulos (PIRES, 2008, p. 45). Uma pedagogia alegre, da esperança, da presença, do presente como instante dado pelo Criador para realizarmos a sua bondade em nós, participando de seu reino em progresso, evolução e felicidade.

Ademais, se Kardec, pedagogo por excelência, não tenha tido o tempo necessário em sua encarnação de Rivail para realizar a hercúlea tarefa – ao lado da feita na codificação – de legar um trabalho de melhor sistematização de cânones pedagógicos para uma educação espírita, sobretudo, por meio de um tratado pedagógico específico e de um projeto educativo nessa área, a intenção do mestre de Lyon não passa, epistemologicamente falando, despercebida por Herculano Pires, que opina ter o mestre francês proferido palavras de notável clareza e concisão acerca do ideal educativo contido em “O Livro dos Espíritos”, já na edição de 1857:

A Educação Espírita brota desse livro como água da fonte: espontânea e necessária. Logo na *Introdução* temos um exemplo disso. Não se trata apenas de introdução à obra, mas à Doutrina Espírita. Ao invés de uma justificativa e uma explicação do livro, temos uma abertura para a compreensão de todo o seu conteúdo e até mesmo da posição do Espiritismo no vasto panorama da cultura terrena, abrangendo as áreas até então conflitivas do Conhecimento e estabelecendo entre elas as ligações indispensáveis. Sim, indispensáveis porque o conflito entre as áreas culturais era o maior obstáculo à compreensão global do homem que o Espiritismo trazia (PIRES, 2008, p. 52).

Ipsa facto, perceber-se-ia como Allan Kardec não foge ao problema de uma doutrina científica como o Espiritismo enunciar uma religião enquanto uma de suas bases ontológicas, pois a codificação, pondo-se em paradigma de ciência – mesmo que com novos métodos de aferição, distintos dos típicos da ciência materialista –, por conseguinte, não excluiria o suporte moral e religioso, pugnando não apenas por um lugar no campo da cultura e sociedade, mas da própria jornada existencial do ser em um universo permeado por permanente criação, desenvolvimento e progresso.

Se um novo lugar, e, em especial, um lugar melhor são desejados para o ser humano, a sua formação, por óbvio, deverá ser preocupação premente e maior, exigindo uma nova postura dos educadores. Assim sendo, buscando tratar a criança com carinho, paciência e bons exemplos, Herculano Pires, com o apoio dos escritos do filósofo alemão Werner Jaeger (1888-1971), resgatava a trajetória educativa de Sócrates (ca. 470-399 a.C.), Platão (ca. 428/427-348/347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) como paradigmas de superação do sofismo e em direção ao alcance da estrutura dinâmica do imperialismo ateniense de Péricles (ca. 495/492-429 a.C.), culminado na chamada "Idade de Ouro de Atenas", de forma que as imperfeições, gradativamente, não de ser corrigidas para se ter um ato educativo em ínterim progressivo (PIRES, 2008, p. 20). Influenciado pelo existencialismo – a grande corrente filosófica de sua época –, cujo principal expoente foi Jean-Paul Sartre (1905-1980), Herculano concentrava boa parte de suas análises no ser, "condenado a ser livre", de forma que este axioma sustentava o livre arbítrio

concedido pelo Criador, no bojo de uma existência em que a aceitação da Doutrina Espírita deveria ser igualmente livre. Entrementes, com adultos espíritas assumindo suas responsabilidades terrenas e espirituais, onde a educação tivesse lugar, em particular na infância, para além dos evangelhos familiares, das salas de escolinhas e grupos de mocidades existentes nos centros espíritas, o projeto de José Herculano Pires era, como enuncia em vocação a própria Doutrina Espírita, de firmeza, motivação e esperança, e por conseguinte, pugnava até mesmo por colégios de educação formal estruturados na codificação de Kardec. Nesse sentido, ao lado de ideais de personalidades como Frederico Giannini Júnior (1908-1984) – o editor da EDICEL – e do filósofo espírita argentino Humberto Mariotti (1905-1982), ele ajudou a fundar a “Revista de Educação Espírita”, a qual colaborou ao longo de sua publicação entre os anos de 1970 e 1974, buscando articular os núcleos espíritas, coordenar as ações pedagógicas dentro do Espiritismo e oportunizar uma tribuna para o debate e clarificação de ideias e estratégias educativas.

Por sinal, Herculano não deixava de prescindir de boas práticas e experiências na pedagogia espírita, como as desenvolvidas por Eurípedes de Barsanulfo (1880-1918) em seu Colégio Allan Kardec, em Sacramento, Minas Gerais, por Thomaz Novelino (1901-2000) e seu Educandário Pestalozzi, em Franca, São Paulo, além das recolhidas junto ao professor Ney Lobo (1919-2012), do Instituto Lins de Vasconcellos, de Curitiba, Estado do Paraná, bem como as da pedagogia geral e da própria filosofia da educação, representadas em trabalhos como os da educadora italiana Maria Montessori (1870-1952) (PIRES, 2008, p. 103), corroborando aquilo que ele entendia ser uma tradição espírita radicada em Rousseau, e ao mesmo tempo, representativa da pedagogia moderna perpassando Pestalozzi, Kardec e relações culturais existentes em Immanuel Kant (1724-1804) (PIRES, 2008, p. 106), concluindo pela colaboração das correntes avançadas da pedagogia contemporânea, em particular as ligadas ao neokantismo, em exemplo das de Georg Michael Kerchensteiner (1804-1932), na Alemanha, e René Hubert (1885-1954), na França, que completariam o trabalho de renovação educativa que regeneraria o planeta Terra (PIRES, 2008, p. 42).

O esboço de Herculano, por óbvio, era histórico, concluindo que do passado,

E desde Platão os homens arejados já compreenderam que as verdadeiras transformações sociais se fazem pela educação. A educação não é apenas a transmissão de uma velha e caduca herança cultural, de uma geração para outra. É também, e, sobretudo, como explicou [o educador norte-americano John] Dewey [1859-1952], a reelaboração dessa herança pelos herdeiros, pelas novas gerações. Depois de Platão, quem demonstrou a importância fundamental da educação na transformação do mundo, foi Rousseau. Mas antes de ambos, houve Sócrates na Grécia, Confúcio [ca. 551/552-479/489 a.C.] na China, Buda [ca. 553-483 a.C.] na Índia, e por fim Jesus na Palestina, ensinando e educando a Humanidade para o Mundo Novo que o Cristianismo criou na Terra (PIRES, 2008, p. 73) [inserções nossas entre os colchetes].

Por suposto, a firmeza na defesa da unidade e pureza doutrinária do Espiritismo, e o entusiasmo de José Herculano Pires na edificação de um projeto pedagógico espírita e de uma filosofia da educação espírita, não reverberaram como ele desejava, se reafirmando nos diferentes segmentos sociais a proposição de laicidade do Estado e uma conseqüente relacionada à educação secular.

Ainda assim, a obra "Pedagogia Espírita", de José Herculano Pires, se constitui em uma referência de grande importância para melhor compreensão do pensamento do filósofo espírita brasileiro, das propostas de desenvolvimento e consolidação de uma pedagogia espírita, e, mesmo, dos fundamentos da Doutrina Espírita enquanto proposição científica e moral para o progresso e reforma da humanidade.

REFERÊNCIA

PIRES, José Herculano. **Pedagogia Espírita**. São Paulo: EDICEL, 2008, 127 p.